

# CRÔNICA DA CIDADE

rogerio@cldata.com.br

## Tarzans e Juvenais

**O** garçom Juvenal — em cujo ombro Rê Bordosa, a imperatriz do *bas-fond* paulistano, criação imortal de Angeli, chorava mágoas — existiu de fato. No Bar Riviera, na esquina da Consolação com a Paulista, fazia papel de mãe, pai, irmão, tio, amigo, banheiro, manicure e, comentava-se à boca pequena, eventual amante.

Se tivesse prestígio com o todo-poderoso, sugeriria, aliás, embora sabendo que não serei consultado no juízo final, ousar sugerir: bons garçons mere-

cem o reino dos céus quando desencarnarem. É o mínimo a que deveriam ter direito depois de passarem a vida ouvindo parvoíces de bêbados chatos, cantadas de gays que foram colegas de escola de Álvares Cabral e de mulheres em busca do colo perdido.

Os serelepes garçons do Bar Beirute, na SCLS 109, têm, desde que passei a morar na cidade e a freqüentar com certa assiduidade o simpático antro, meu incondicional apoio caso queiram reservar cantinho no céu. Sempre atentos, são ágeis no atendimento e embora, ao que saiba, nunca tenham passado um verão sequer na liberal Amsterdã, são exemplo de tolerância.

Não perdem o humor nem quando certo profissional liberal da terra começa, a partir do oitavo chope, a repetir-lhes, monotonamente, que é

unha e carne com Luciana Gimenez e Gal Costa. Ou se dinossáurica e ressentida viúva de Karl Marx teima em lhes convencer que o futuro do homem (ainda) está na ditadura do proletariado.

Os garçons do Beirute podem ser homofóbicos na vida real, mas, em serviço, têm a postura sexual de uma camile-paglia. Nem piscam ao ver rapazes beijando rapazes, moças beijando moças e viris senhoras jogando torpedos apaixonados para gatinhas recém-saídas das fraldas.

Os garçons beirutianos seguram as ondas de bêbados das mais variadas patentes e ocupavam até a semana passada solitário lugar no coração deste cronista. Agora dividem espaço com espadaúdo senhor de tez morena e escassos cabelos negros que, com diligência de estafeta em começo de



POR  
ROGÉRIO  
MENEZES

carreira e caixa torácica de cantor de ópera, trabalha no restaurante Nosso Mar, na SCLN 116.

Suando em bicas — afinal da temperatura ambiente mais o calor emanado das moquecas resultava canícula insuportável —, não perdia a classe. Corria de mesa em mesa, com a mesma agilidade com que aquele herói criado por Edgar Rice Burroughs pulava de cipó em cipó.

A associação ocorreu ao, entre uma garfada e outra em succulenta moqueca de siri-mole, flagrar a agilidade do tal garçom.

Ao me despedir, perguntei-lhe o nome.

Acredite se quiser, caro leitor: o homem se chamava Tarzan.

CORREIO BRAZILIENSE

31 JUL 2000

DF - Brasília